

Conclusão

Como mostramos ao longo do trabalho, Martí e Rodó, apesar de efetuarem enunciações próximas, voltarem suas atenções para questões semelhantes em relação à América Latina e interpretarem negativamente a presença dos Estados Unidos no continente, apontaram distintos caminhos para “salvar” a identidade latino-americana e diferentes implicações do que identificavam como um possível projeto hegemônico norte-americano.

Em seus discursos, não se limitaram em discutir a realidade de seus países. Todavia abarcaram o conjunto da América Latina, o que estava estritamente relacionado ao período pelo qual o continente passava, e muitos intelectuais, sob inspiração do positivismo, defendiam a importação de soluções externas para resolver os problemas específicos. Nesse contexto, Martí e Rodó se opuseram a tal prática, e defenderam um olhar introspectivo para a América Latina. Além disso, a política imperialista norte-americana que se iniciara nesse período, contribuiu para que seus discursos abrangessem todos os países latino-americanos.

Também, no âmbito dos debates das teorias racistas científicas do século XIX, os dois autores preocuparam-se em defender ou rechaçar tais discussões. Martí, diferente de grande parte de seus contemporâneos, negou veementemente a existência das “raças” que percebia como forma de legitimar injustiças que já vigoravam. Por outro lado, Rodó, que escrevera o *Ariel* logo após a guerra de independência cubana – período em que tais debates estavam mais acentuados –, tomou partido da “raça latina” (ibérica) considerando a especificidade e superioridade desta, em relação à anglo-saxônica e exaltando o espiritualismo latino.

Martí e Rodó, ao refletirem sobre a identidade da América Latina, defenderam a preservação do que lhe era característico e tomaram a juventude como a responsável pela transformação que acreditavam ser necessária. Ao fazerem isso, se opuseram ao positivismo que vigorava na época, recuperaram o idealismo e trouxeram uma mensagem otimista para o continente.

Para ambos os autores, deveria haver uma regeneração da América Latina. Na opinião de Martí, a dificuldade se apresentava na insistência em governar os países com leis importadas de lugares e realidades diferentes. A singularidade dos povos latino-americanos deveria ser levada em conta, uma vez que a simples transladação de leis e práticas de outras realidades conduziria a grandes equívocos. Nessa perspectiva, Martí apontava como caminho para solucionar os problemas da América Latina o olhar para dentro, isto é, o seu autoentendimento e autoavaliação para compreender o que lhe era mais imprescindível e apropriado.

Rodó também condenou a importação de soluções externas, e defendeu o aperfeiçoamento da democracia e o desenvolvimento da educação na América Latina. No entanto, preocupou-se principalmente com a decadência espiritual e moral que poderia sobrevir, caso ocorresse o rompimento com a tradição latina e ibérica.

Assim, os dois autores foram vozes dissonantes no continente. Ao pensarem sobre a identidade latino-americana, ressaltaram a sua especificidade, e ao contrário do que ocorria, não a condenaram ou desprezaram. As diferenças que apontaram entre a América Latina e os Estados Unidos foram salientadas de forma positiva.

Assim sendo, apesar de definirem uma identidade para a América, os caminhos que cada um encontrou para defini-la, foram diferentes. Discordavam em relação aos elementos que consideravam característicos do continente. Para o escritor cubano, a cultura miscigenada deveria ser incluída nessa identidade; já para Rodó, a tradição ibérica mereceria ser ressaltada. Contudo, ao definirem uma identidade para a América, eles clamaram a unidade latino-americana, defendendo a necessidade de se unirem frente às novas relações que surgiam.

Em se tratando dos Estados Unidos, ambos os autores denunciaram os perigos que este país representava, tanto para a identidade, quanto para a soberania do continente. Entretanto, não obstante percebessem “o colosso do norte” como ameaça, identificaram de forma distinta as implicações de tal presença. Ao apontarem isso, contribuíram para a construção de uma polarização entre a América Latina e os Estados Unidos. Destacaram as diferenças entre as repúblicas latino-americanas e o grande vizinho em diversos aspectos. Nesse cenário, a derrota espanhola para os Estados Unidos na guerra de independência cubana, acentuou ainda mais a tensão dos discursos racialistas, e tornou-se

comum a utilização das categorias raciais para explicar os fracassos ou sucessos de uma ou outra raça.

Para Martí, a política imperialista dos Estados Unidos representava um perigo efetivo, tanto em termos geográficos, como políticos e econômicos. O intelectual cubano denunciou, desde o início, a política pan-americana como mais um pretexto para a ingerência no continente, chamando a atenção para a forma como os Estados Unidos percebiam a América Latina. Também questionou a proposta de união monetária, que propunha uma moeda comum entre todos os países da América. De acordo com Martí, a intenção norte-americana ficava clara nas notícias, cujos jornais estadunidenses, circundantes na época, declaravam abertamente as intenções em relação ao continente.

Já para Rodó, o perigo incidia, sobretudo, na cultura latino-americana, que poderia ser descaracterizada com a influência moral do “colosso do norte”. Rodó observava, temeroso, como intelectuais seus contemporâneos – principalmente os argentinos – vinham se inspirando no modelo de desenvolvimento norte-americano. A defesa desse modelo, e mesmo o desejo de se tornarem os Estados Unidos, causava em Rodó o medo de que da simples admiração, passassem integralmente à imitação. Tal fato levaria ao rompimento com o que ele considerava característico da identidade latino-americana, isto é, a tradição ibérica.

O escritor uruguaio defendeu o aperfeiçoamento da democracia para que não resultasse em um utilitarismo medíocre, como teria ocorrido nos Estados Unidos. Propôs soluções como a reforma da educação, que do seu ponto de vista garantiria a superioridade dos melhores e impediria o predomínio do individualismo e a “diminuição da cultura”.

Diferentemente de Martí, cuja preocupação relacionava-se em grande parte ao imperialismo norte-americano no Caribe, Rodó não enfatizou a questão política e econômica. Isso pode ser observado em sua crítica ao utilitarismo estadunidense e na alusão que faz ao papel das metrópoles na civilização. Para Rodó a situação em que o Uruguai se encontrava seria resultado tanto da entrada de milhares de imigrantes em seu país, quanto da composição débil das elites locais, as quais em sua opinião, não eram capazes de orientar a grande quantidade de povos que ali chegavam. Para ele, os Estados Unidos, décadas antes, enfrentaram esta situação, e naquele momento a Argentina e o Uruguai passavam por experiências

semelhantes. De acordo com Rodó, era necessário buscar meios para que não se transformassem no “colosso do norte”: país sem apego às tradições, materialista e utilitarista, que não era capaz de se orientar por ideais.

Sublinhadas tais diferenças, os discursos de Martí e Rodó transformaram a forma como a América Latina era percebida no período, contribuindo com novos ideais para pensar o continente, numa perspectiva que valorizava o que lhe era específico. Os autores inverteram o signo da polêmica que caracterizava o cenário intelectual daquele período, lançando um ponto de vista positivo, ao que até então era considerado desvantagem. No caso de Martí, a cultura miscigenada; e no de Rodó, a herança ibérica. Desse modo, contribuíram para a formação de correntes de oposição tanto ao positivismo, quanto à ingerência norte-americana no início do século XX, em toda a América Latina.